

SETENTA ANOS, MAS PARECE QUE FOI ONTEM

Quando nasci numa pequena casa que meus pais alugavam na praça do cemitério, centro de Franca, o dia amanhecia e a parteira não sabia que a expectativa de vida dos brasileiros ao nascer era de 48 anos. Era dia dos Três Reis Magos, 6 de janeiro de 1952, quando o Brasil era governado por Getúlio Vargas. Diz a tradição que, quando os três Reis Magos, Gaspar, Belchior e Baltazar viram a Estrela de Belém no céu, foram ao encontro de Jesus, que havia nascido. Ofereceram ao menino Jesus, como presente, ouro, incenso e mirra, que simbolizavam a realeza, a divindade e a imortalidade. Segundo a tradição, um era negro, o outro branco e o terceiro moreno, representando toda a humanidade.

Não se tem notícia se a companhia da Folia de Reis passou pela pracinha do cemitério naquele dia de choro e alegria. Meu pai Wilson era um modesto bancário que batalhava na agência local do Banco Hipotecário e começava a vender couros para a nascente indústria calçadista, o que o levou a se tornar industrial. Minha mãe Helena era dona de casa, cuidava do marido e dos filhos (sou o terceiro de seis), o que não era pouco. Sou o que sou por conta deles, que fazem falta, eles que incentivaram o estudo, a leitura, o gosto pela arte.

Cresci como muitos meninos do interior à época: brincando na rua, jogando bola, indo às matinês do cinema para ver filmes de cowboy, da II Guerra Mundial, chanchadas com Oscarito e Zé Trindade, seriados como Perigos de Nyoka, ouvindo no rádio músicas de Cauby, Celly Campelo, Chuck Berry e Elvis, lendo Fábulas de Esopo e histórias em quadrinhos do Príncipe Valente, Flash Gordon e Carlos Zéfiro, dormindo nas aulas de catecismo, vendo jogos da Francana e do Clube dos Bagres ao vivo. Aprendi a ler e escrever numa escola pública, onde estudei até ir para a universidade.

Resolvi que não seria médico, engenheiro ou advogado. Queria ser arquiteto desde os 16 anos. Enquanto os bonitões da classe tocavam violão, eu desenhava muito ouvindo Beatles e os tropicalistas, todos. Fui estudar arquitetura em Mogi das Cruzes e voltei para fazer a carreira e a vida aqui mesmo, na cidade que era das 3 colinas e na universidade em Passos (MG). Fiz de tudo um pouco como arquiteto de prancheta e de canteiro de obras, de projeto e construção em mutirão de casas populares, escolas, fábricas a um campus universitário inteiro e planos diretores de cidades, professor, pesquisador, empresário, escritor, artista, político, dirigente sindical, ativista na defesa do patrimônio cultural e outras atividades menos reconhecidas.

Foram muitas as perdas e muitos os tombos também, mas levantei. Nalguns casos tenho o maior orgulho das minhas derrotas, como na defesa do Hotel Francano e do patrimônio histórico local. Casei, plantei árvores, escrevi livros, tive filhos (Pablo e Natalie) que ajudei a criar com Atalie, o amor da minha vida e companheira de sonhos há mais de 50 anos. Agora são os netos Olívia, Vitor e Estevão que me ensinam coisas novas. Ainda trabalho bastante (agora escolhendo as tarefas), gosto do que faço, além de ajudar a manter o Lab das Artes vivo e pulsante na resistência cultural. Arquitetos não se aposentam, a simples caminhada produtiva (invenção do amigo Shimbo) pelas ruas ajuda a pensar cidades melhores. Lutei e continuo na luta por utopias, fazer cidades e um Brasil mais justo, do que muito me orgulho.

Além da família, amigos fiz muitos por onde passei: na vida profissional, na universidade, no PT, no Lab das Artes, na política. Inimigos também, mas bem menos. Acho. Tento manter viva a amizade até mesmo com aqueles que vivem distantes.

Desde aquela estreia no dia dos Reis, fiz um amigo de ouro chamado Gaspar, ouço sempre o incensado Belchior e uns 15 anos atrás conheci o Myrrha (Marco, não Baltazar), um amigo tão entusiasmado que me convenceu a assumir nova vida, a de consultor em urbanismo Brasil afora. Enfim, se já extrapolei em muito a expectativa de vida fazendo hora extra, acho que recebi da vida muito mais que merecia. Sim, como disse Oscar Niemeyer, a vida é um sopro, por isso só tenho a agradecer a tantas pessoas amadas que juntas me ajudaram a atravessar esses setenta anos. Nesse novo ano, um desejo simples: Fora Bolsonaro e Lula Lá.

Mauro Ferreira é arquiteto